



Sessenta anos de especularidade: revisitando o estágio do espelho de Jacques Lacan*

*Jesús Manuel Ramírez Escobar***, Buenos Aires

Neste trabalho é apresentada uma análise do texto, de 1966, O estágio do espelho de Jacques Lacan, abordando os fatos históricos que cercaram sua apresentação original em 1949 e os fundamentos teóricos que podem ser resgatados, tanto a partir dos ensinamentos da filosofia hegeliana de Kojève em Paris, quanto do seu contraste posterior com a filosofia de Levinas. Ao mesmo tempo, mediante um percurso textual, serão observadas as idéias presentes na psicologia daquela época através de contribuições da psicologia cognitiva de Wallon e Bühler, visando a demonstrar que a alteridade é parte constitutiva da formação do sujeito, noção que é posta em dúvida atualmente no formato de manuais como o DSM IV-TR, que apostam na criação de identidades diagnósticas preestabelecidas.

Descritores: Estágio do espelho. Eu. Imagem corporal. Sujeito.

* Trabalho de investigação realizado dentro do Mestrado em Psicoanálisis da Universidade de Buenos Aires.

** Licenciado em Psicología pela Universidade Veracruzana (México), Mestre em Psicoanálisis pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e aluno do Doutorado em Psicologia da mesma Universidade.



No transcurso do ano de 1936, para ser fiel ao que expôs Roudinesco (1995.), no dia 31 de julho, um jovem psiquiatra francês, até o momento desconhecido e que acabava de ingressar na psicanálise em 1934 através da Sociedade Psicanalítica de Paris, chega ao recinto dos expoentes do Primeiro Congresso Internacional da IPA organizado em Marienbad, pretendendo levar ao seu conhecimento uma nova proposta referente à formação do *eu (je)* dentro da teoria psicanalítica, justamente no marco contextual das disputas entre kleinianos e annafreudianos, que lutavam pela supremacia de suas próprias teorias e escutavam e criticavam causticamente todo aquele que se lhes antepusessem.

Este jovem chamado Jacques Lacan (1937) buscava o consentimento dos altos mandatários da psicanálise e assim se constituir um dos princípios teóricos da Escola Francesa. No entanto, é interrompido pelo diretor desta sociedade internacional, Ernst Jones, que dará por encerrada a apresentação, e será repreendido por Kriss com um simples “Isso não se faz”, fato que, com data e hora (3 de agosto de 1937, 15:40), não será nunca esquecido por Lacan, como veremos mais adiante em seus *Écrits* (1966/2003).

Esta palestra seria posteriormente apresentada e recebida com apreço no dia 17 de julho de 1949 durante o XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurich, com o título *O estágio do espelho como formador da função do eu (je) da forma como nos é revelado na experiência psicanalítica*.

Este título exaustivo ocultaria a matriz do pensamento lacaniano, a relação metafórica de um espelho revelaria mais tarde aquele Outro do qual nunca deixaria de falar ao longo de sua vida. A constituição do conhecimento próprio partia, então, não de si próprio, mas de Outro, que não é somente fundador, mas inclusive alienante. As bases do estudo da paranóia que Lacan havia realizado na sua tese de doutoramento com Aimée e posteriormente com o caso das irmãs Papin em 1932 e 1933, respectivamente, rendiam frutos teóricos, aquela usurpação da personalidade que motivava o autocastigo agora se afastaria da área do patológico e classificável para estabelecer-se na normalidade do desenvolvimento de todo ser humano.

O fato de Lacan propor isto não apenas aproximava-o da rejeição, mas também modificava ainda mais a noção de loucura propriamente dita. Esta palestra de 1949 é clara ao falar de uma separação total da razão cartesiana (*cogito*), com o que se daria a entender de maneira clara um afastamento da constituição cognitiva do indivíduo em estado *infans* para dar passagem à idéia de desenvolvimento libidinal de que Freud falaria ao longo de sua teoria sexual, abrindo assim uma brecha entre os postulados de Henri Wallon e os próprios, de tal forma que se



estaria falando não apenas de um regozijo da criança diante de sua própria imagem, mas de uma inteira *Aha Erlebnis*¹, uma fascinação diante de sua própria constituição através de processos libidinais que marcarão seu desenvolvimento posterior. O *retorno a Freud* ainda não chegava como tal, mas dava sinais de sua gestação.²

O período do imaginário adquire vida a partir dos estudos realizados por Lacan com Kojève sobre Hegel e sua *fenomenologia do espírito* que o motivariam a pesquisar a formação dessa estrutura chamada Eu, tomando como referência, em palavras de Massota (2001), noções hegelianas como a *consciência de si*. Tal estrutura era amplamente trabalhada naquele momento pela *psicologia do ego*, mas, no entendimento de Lacan desde sua primeira leitura de Freud, de forma desviada, já que separava terminantemente o Eu do Id como estruturas que se encontravam em luta, o que movimentaria em Lacan a inquietação para re-entender esta estrutura a partir do conceito da identificação que não seria dada a não ser pela presença de imagos do exterior.

A leitura de Kojève sobre o desejo antropogênico em Hegel permitiria a Lacan questionar o problema sobre o surgimento do homem em relação à autoconsciência. A esse respeito Kojève afirmará que o animal tem sentimento de si, mas o homem possui consciência de si. É esta que se revela na palavra, quando o homem diz: Eu. Em contrapartida, há algo que descreve o sentimento de si; aqui, o indivíduo está absorvido pelo objeto sem possibilidade de ter consciência dele. A pergunta sobre o aparecimento ou surgimento do homem é, então, o problema de como passou do sentimento de si para a consciência de si.

Para encarar este questionamento, Lacan tomará como apoio o trabalho de Wallon (1999), psicólogo cognitivo francês, para explicar, de maneira evolucionista, a transformação do indivíduo em sujeito num marco de relação com o meio. Este processo ocorre nas crianças cuja idade oscila entre 6 e 8 meses de idade, permitindo que unifiquem seu eu naquilo que Lacan chamaria de uma *Gestalt*, deixando de lado o acúmulo de sensações que se atravessam na experiência infantil prévia, na qual o percebido gera a idéia de um corpo fragmentado que interfere na constituição do futuro sujeito.

O transnitivismo e a alienação são dois processos referidos por Lacan nos achados de Charlotte Bühler sobre o transnitivismo normal, no qual a criança que

¹ *Experiência aha*, uma forma de Insight, do alemão *Aha-Erlebnis*, termo cunhado pelo psicólogo e linguista alemão Karl Bühler.

² Esclarecemos que a publicação oficial desta palestra faz-se até 1966 nos *Écrits* de Lacan, em espanhol: *El estadio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica* em LACAN, J. *Escritos I* 23^a. Edición. México D.F.: Siglo XXI Editores, 2003.



bate diz que foi batida e a que vê outra cair chora. É assim que ocorre uma primeira relação entre o mundo interior (*Innenwelt*) e o mundo exterior (*Umwelt*), a passagem da especulação da imago chegaria posteriormente a constituir a ordem do simbólico na medida em que o indivíduo em estado *infans* (sem palavras) conhecer a linguagem e, nas palavras de Lacan, “universalizá-la na sua função de sujeito” (1966, p.87).

Como já mencionei anteriormente, a imagem determina a vida do indivíduo, a realidade psíquica é estabelecida pela primeira vez de forma clara, a ficção é parte natural da normalização libidinal do indivíduo, nasce a fantasia, a dualidade é criada com o social e surge aqui um conceito re-entendido por Lacan, o *moi-idéal*, que representa a idéia que o indivíduo tem de si próprio em forma arcaica e que, posteriormente, delimitará as identificações posteriores.

Desta forma nasceria, em contrapartida, o *je lacaniano*, aquela estrutura que, nos esboços da teoria de Lacan, seria complementária dos *postos imaginários da personalidade* conhecidos como a segunda tópica freudiana e atribuindo-lhe a função de ser o lugar onde o sujeito pode se reconhecer, embora mais tarde fosse reconhecido dentro da ordem do simbólico.

A revolução teórica de Lacan leva à máxima “o homem não se adapta à realidade, ele a adapta a si” (1966, p.92), a autonomia total do ser humano fica vulnerável diante da sua dependência do externo: o Outro. Essa noção, também apresentada por Levinas, filósofo da alteridade, sobre seu caminho do ser-para-a-morte heideggeriano, efeito de um devir pelo mundo sempre visando ao fim da existência, cujo porvir não pode ir além da temporalidade, procura, então, vencer este problema através da passagem para o tempo do Outro, alienação básica através do que chama *ética* (Levinas, 2000). A alienação ao Outro será uma rota de trabalho neste filósofo.

Desta maneira, Lévinas (2000) considera a ética como o próprio centro do pensamento. Com esta observação afasta-se de uma longa tradição filosófica que tentou pensar a unidade do ser como uma entidade unificada com sua razão que outorga a ilusão do *mesmo*, para centrar-se na alteridade que reflete o si próprio e o Outro que o determina como tal, mesmo apesar de sua própria razão. Posteriormente, centrará sua reflexão na defesa da subjetividade baseando-se na *idéia* de infinito, entendido como aquela abertura ao reconhecimento do outro. É neste ponto chave que encontraremos uma marcante diferença com Lacan.

Para Lévinas (2000), a preocupação central reside no outro, já que, afinal, existe um eu porque existe responsabilidade; mostra a passagem do desvalimento diante do cuidado de alguém mais para assumir um *si próprio* sempre alienado nesse estágio originário. É dessa forma que o autor proporrá um humanismo que



se responsabiliza e responde totalmente pelo outro: “Desde o momento em que o outro me olha, eu sou responsável por ele sem sequer ter que assumir responsabilidades em relação a ele; sua responsabilidade me incumbe. É uma responsabilidade que vai além do que eu faço”. (Lévinas, 2000, p. 80).

Assim passamos, com Lévinas (2002), de um eu fechado (ego cartesiano) para um eu aberto, já que a filosofia não começará no eu, mas no Outro. Pois aquele surgirá na medida em que Outro o designar pelo nome. Dessa maneira, substitui-se o *penso, logo sou*, enunciado por Descartes, pelo *sou designado pelo nome, logo sou*. Isto estabelecerá certas relações com a teoria de Lacan y seu *Autre*, sobretudo ao falar de um eu, já que ambos teóricos o entendem como um produto da identificação por excelência, sendo esta uma origem do próprio fenômeno da identidade não alcançada. No entanto, além de toda alienação, o caminho possível de elucidação quebra toda similitude possível entre os autores. Como exemplo, vejamos como, do lado do si próprio, Lévinas (1977) concebe uma passividade absoluta no sensível. A esse respeito localizaremos uma diferença com Lacan, que menciona a possibilidade de *uma insondável decisão do ser* no consentimento ou na recusa do sujeito que ali se constitui ao alienar-se ao discurso do Outro. É apresentada uma recusa a essa eterna passividade proposta por Lévinas (2000) como ética.

Para a psicanálise, havendo consentimento ou recusa, esta operação estruturante envolve uma perda: o que de si se exila fora do discurso como objeto *a*. Em Lévinas (2002), no entanto, tudo ocorre entre um eu refém e um si próprio que são a mesma pessoa; não existe um resto nem uma falta; aqui estará a diferença central com o avanço de Lacan proposto em seu ensinamento.

Por outro lado, ao abordar o ponto da identificação com o Outro, não se pode deixar de lado a noção do *duplo*, que marcará um aspecto fundamental: o processo de relação do indivíduo com a imago não é somente de reconhecer-se simplesmente, mas, ao encontrar uma figura que reproduz seus próprios movimentos, chega-se à idéia de que o *eu* não é uma unidade do todo, existe algo além da pessoa que realiza as ações, o aparato paranóico manifesta-se visando a uma verdadeira busca do conhecimento de si próprio, funda-se no conhecimento paranóico, aquele que leva em consideração a manifestação de diversas realidades psíquicas, excessivamente heterogêneas, respondendo de formas arcaicas com a denúncia de insatisfação diante do irreal. É aqui, nesta encenação da rivalidade com o outro, na qual a agressividade é constitutiva do sujeito, que terá que distinguir sua presença por meio da exclusão, para assim diferenciar-se, antecipando-se em contraste com a insuficiência que vivenciava em um estado anterior (Lacan, 1998).

O eu só pode ser especular, narcisista e paranóico, o que implica que o



sujeito o seja. Trata-se da tensão agressiva natural que instaura a agressividade como parte estrutural do psiquismo. O que se vê na tendência a eliminar o rival especular, próprio de todo vínculo fraternal: concorrência, hostilidade, desejo do desejo do outro somente para si próprio, na entronização narcisista do eu devido à passagem do auto-erotismo para o narcisismo primário.

Podemos comparar isto com um dos contos de Edgar Allan Poe, *William Wilson* (1939) (por sinal, Poe era um dos escritores favoritos de Lacan, como podemos ver no seu seminário sobre *A carta roubada* [1955]). Este magnífico conto aborda o tema de um personagem que se sente perseguido por um ser parecido com ele, que realiza todas as atividades que ele próprio realizava regularmente na sua vida diária e as pessoas próximas e congêneres lhe falam sobre esses atos. Nesse momento surge a idéia de encontrar razão para os fatos e é aí que casualmente encontra seu duplo a quem decide matar. No momento de atravessá-lo com a espada, esse último ri e explica ao personagem central que os dois são uma só pessoa e que um depende do outro. Ao ouvi-lo, Wilson cai morto.

Desta maneira, é possível vislumbrar a aproximação, embora desde um âmbito literário, da frase *eu sou Outro*, da qual Lacan é fundador quando fala do mecanismo paranóico e suas diferenças com a mistura das pulsões de vida e morte provenientes de Freud (1920) no sentido da criação de um eu arcaico desprendido da expulsão do insatisfatório e a internalização das experiências satisfatórias exemplificadas no *fort da*, tomando como referência as primeiras aproximações e contrastes com o mundo social, aspirando a dominá-lo ao perceber uma rivalidade que relaciona com a insatisfação por meio de julgamentos completamente pré-morais. Ao abordar estas diferenças, observa-se que, para Freud, a constituição do eu ocorre desde dentro, enquanto, para Lacan, se dá de maneira inversa, de fora para dentro.

Ao terminar o estágio do espelho, Lacan postula que a dialética social com esse mundo persecutório mediatiza o saber humano no desejo do Outro, os objetos são constituídos numa equivalência abstrata pela rivalidade do outro, limitando o eu (*je*) a uma normalização com base cultural. O que se conhece é porque passou antecipadamente pelo Outro.

Nesta alienação do sujeito no Outro, o *infans* identifica-se e vivencia-se, começando, então, a circulação do desejo: tornar-se reconhecido, tornar-se desejado e desejar o desejo do Outro. Imagem, palavra, alimento e cuidados expressam apenas o rumo da pulsão em suas diferentes modalidades, oral, anal, olhar e voz, ao que se acrescenta o contato que vai dando conta da inscrição das representações no inconsciente, o que levará à historização no processo da estruturação psíquica do sujeito sustentado no desejo do Outro.



Entendendo a idéia do *espelho* como uma metáfora, a relação do olhar da mãe será fundamental para a criança. Lacan confere um lugar importante para esse imaginário hipertrofiado no qual acontecem as especulações sustentadas pelo investimento libidinal do Outro que o contempla em seu olhar. Ali está em jogo o desejo da mãe, ou seja, a castração materna, sua estrutura inconsciente, presente em seu modo de amar o filho.

Plasma-se assim a matriz simbólica, o ideal do eu que, num jogo eterno de alternância com o eu ideal, impregnam a mudança de identificação na qual a imagem sempre é relevante e, no futuro, constituirá o Superego do qual poderiam derivar certas patologias obsessivas, para citar um exemplo.

Outro ponto tratado por Lacan neste artigo é a falsa conceituação do eu como um sistema centrado na base da percepção-consciência e organizado pelo princípio de realidade. Este desenvolvimento teórico foi utilizado desde a ideologia da escola da *psicologia do ego*, alvo de duras críticas de Lacan sobre seus seminários por afastar-se da teoria do inconsciente freudiano. Esta escola, fundada por Anna, a filha do criador da psicanálise, propõe um retorno ao primordial, que é a cura e a readaptação do indivíduo a um meio social através da intensificação de seu eu. Lacan reage com fúria diante de tais ensinamentos e premissas segundo as quais era tratado, já que cabe lembrar que seu analista (Loweinstein) era partidário dessa escola. A mesma evitava o contato com o Id, limitando-se ao estudo do inconsciente somente por meio dos mecanismos de defesa dos quais se destaca a *Verneinung* que, para Lacan, faz parte dos processos latentes do inconsciente na qual se verificará o engano da fantasia construída agora chamada eu e que Freud teorizaria como um processo de conhecimento e reconhecimento dos objetos da realidade aos que posteriormente se vinculará.

Considerações finais: 60 anos que transcendem na clínica

Para concluir, cabe destacar que a teorização sobre a formação do eu (*je*) tem uma aplicação cabal na atualidade da prática clínica, já que, no *setting analítico*, é de grande utilidade conhecer as características do sujeito ao passar por um estágio fundador de sua própria imagem.

Este fato torna-se fundamental para o tratamento com psicóticos, já que estes eliminaram o processo do imaginário, escindiram-se da realidade, motivo pelo qual atuam a partir da certeza, o que os leva a proceder como se as representações-palavra fossem representações-coisa, a simbolização é escassa, mas, no entanto, está presente em certa medida do delírio.



No que diz respeito à relação entre terapeuta e paciente, graças a este texto lacaniano, poderemos denunciar um modelo de aproximação terapêutica fundamentado na projeção da figura do terapeuta no paciente sob a sugestão imaginária, já que a idéia de uma cura por meio da identificação orienta a figura da adaptação, fenômeno que observamos em muitas das relações que se estabelecem em diferentes psicoterapias nas quais o discurso do paciente é encaminhado pelo terapeuta.

É por isto que a emissão de julgamentos pelo analista pode ser uma ação que limita o eu (*je*) do *paciente*, sendo esta uma das formas de se cometer erros terapêuticos na atualidade, já que, dentro de certas clínicas psiquiátricas, são elaborados diagnósticos a toda hora, atribuindo identidades aos pacientes para que delas se apropriem com a pretensão de uma cura que os aproxime da normalidade.

Diz Lacan (1949), no final do texto, que, ao se dizer a um paciente a frase *Você é isso*, se está revelando seu destino mortal, aprisiona-se o paciente não somente numa clínica, asilado de todo tipo de contato com aquilo que o fundou, mas atribui-se a ele uma suposta identidade que terá que aceitar para readaptar-se à sociedade.

Finalmente, cabe mencionar que, em tempos de avanço tecnológico no aspecto médico, como menciona Foucault (2002) em seu artigo *Sobre a formação da categoria de indivíduo perigoso em psiquiatria*, a psiquiatria optou pela dessubjetivação do paciente, tornando-o uma cifra a mais de um regime estatístico, no afã de fundamentar-se como um ramo da ciência. Este fato é demonstrado no aumento de manuais como o DSM IV- TR, cuja função reside na atribuição de identidades a partir da fenomenologia, sem levar em consideração o fator singular que subjaz em cada sujeito e a historia de sua conformação egóica.

É assim que a classificação e o saneamento social apostam num retrocesso do pensamento desenvolvido por Lacan no *Estágio do espelho* (1949), já que o descuido da relação entre o sujeito e o Outro na sua vertente imaginária deixa de lado o princípio básico da constituição do homem como ser desejoso e de sua relação com esse Outro a quem supõe dominar, mas que no fundo ignora através de um abrupto narcisismo, sendo que, por este, pode ver a si próprio como reflexo do desejo de alguém mais. Portanto, é apostando na leitura de um texto fundamental da história da psicanálise que, 60 anos mais tarde, poderemos ver em perspectiva o caminho que percorremos na clínica e as ameaças que surgem atualmente sobre a escuta da subjetividade. □



Abstract

Sixty years of specularity: back to Jacques Lacan's mirror stage

This paper presents an analysis of the text *The mirror stage* of Jacques Lacan, 1966, addressing the historical facts surrounding the filing of the original text in 1949 and the theoretical foundations that can be rescued either from the teachings of Kojève of Hegelian philosophy in Paris and its contrast with the later philosophy of Levinas. At the same time through a textual tour ideas are observed to be performed in psychology at that time through the contributions of cognitive psychology of Wallon and Bühler, aiming to demonstrate that otherness is constitutive of the formation of the subject, a notion that is put in doubt at present under the shaping hand of the DSM IV-TR but that the creation of pre-diagnostic identities.

Keywords: Stage of the mirror. I. Body image. Subject.

Resumen

Sesenta años de especularidad: revisitando el estadio del espejo de Jacques Lacan

En este trabajo se presenta un análisis del texto: "El estadio del espejo" de Jacques Lacan de 1966, abordando los hechos históricos que rodearon la presentación original de este texto en 1949 y los fundamentos teóricos que se pueden rescatar ya sea desde las enseñanzas de filosofía hegeliana de Kojève en París, como de su contraste posterior con la filosofía de Levinas. A su vez, mediante un recorrido textual se observarán las ideas que se prestaban en la psicología en aquel tiempo a través de aportaciones de la psicología cognitiva de Wallon y Bühler, con la finalidad de demostrar que la alteridad es parte constitutiva de la formación del Sujeto, noción que se encuentra puesta en duda en la actualidad bajo la conformación de manuales como el DSM IV-TR que apuestan a la creación de identidades diagnósticas preestablecidas.

Palabras llave: Estadio del espejo. Yo. Imagen corporal. Sujeto.



Referências

- FOUCAULT, M. (2002). *Obras Esenciales: Estética, Ética y Hermenéutica Vol. III*. Madrid: Paidós.
- FREUD, S. (1920). *Más Allá del Principio del Placer*. Em: J. Strachey (Ed.) y J.L. Etcheverry y L. Wolfson (Trads.). *Obras completas* (Vol. XIX, p. 1-76). Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- LACAN, J. (1937). Le stade du miroir. Produit pour la première fois au XVI^e Congrès International psychanalytique tenu à Marienbad du 2 au 8 août 1936 sous la présidence d'Ernest Jones. La communication a été faite à la 2^e session scientifique, le 3 août à 15h40. In: *The international Journal of Psychoanalysis*, vol. 18, part. I jan. 1937.
- _____. (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je. Communication faite au XVI^e Congrès International de la psychanalyse à Zurich le 17 juillet 1949. In: *Revue française de psychanalyse*, n^o4, oct/dec. 1949, p. 449-445.
- _____. (1966). *Escritos I* (23^a. Ed.). México D.F.: Siglo XXI, 2003.
- _____. (1975). *De la psicosis paranoica em sus relaciones com la personalidad* (6^a ed.) (A. Alatorre, trad.). México D.F.: Siglo XXI, 1998.
- LÉVINAS, E. (1977). *Totalidad e infinito*. Salamanca: Sígueme.
- _____. (2000). *Ética e infinito*. Madrid: A. Machado Libros.
- _____. (2002). *La huella del otro*. México D.F.: Taurus.
- MASOTTA, O. (2001). *Lecturas de psicoanálisis: Freud Lacan*. (2^a. Ed.) Madrid: Paidós.
- POE, E. A. (1996). *Selección de cuentos y relatos*. México D.F.: Edicomunicación.
- ROUDINESCO, E. (1995). *Jacques Lacan. Esbozo de una vida, historia de un pensamiento*. Barcelona: Anagrama.
- WALLON, H. (1999). *Evolución psicológica del niño*. México D.F.: Crítica.

Recebido em 19/03/2009

Aceito em 28/07/2009

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Jesús Manuel Ramírez Escobar

Charcas 2553

1213, Buenos Aires - Argentina,

e-mail: jemaraes@gmail.com

© Jesús Manuel Ramírez Escobar

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA